



XVIII ENANPUR
NATAL 2019
27 a 31 maio

O PARANÁ NO SÉCULO XXI: DINAMISMOS E COMPORTAMENTOS LOCACIONAIS

Autores:

Giovani Richard Pitilin - UNIOESTE - gipitilin@hotmail.com

Samara Cristina Vieceli Piacenti - UNIOESTE - samara_cv_@hotmail.com

Lucir Reinaldo Alves - UNIOESTE - lucir.alves@unioeste.br

Resumo:

O estudo analisa o comportamento do emprego formal nos 25 subsetores da divisão do IBGE nas 39 microrregiões do estado do Paraná, no período de 2000, 2008 e 2017. O método utilizado para efetuar a análise foi o shift-share, ferramenta muito utilizada em análises regionais. Através do estudo pôde-se observar que houve várias transformações na estrutura do mercado de trabalho no período analisado. Outro ponto analisado evidente foi a diferença de comportamento do emprego em microrregiões de grande porte e de pequeno porte. As grandes microrregiões têm sua estrutura produtiva mais diversificada, enquanto as microrregiões de menor porte têm sua estrutura produtiva baseada em setores básicos, como Administração Pública por exemplo.

O PARANÁ NO SÉCULO XXI: DINAMISMOS E COMPORTAMENTOS LOCACIONAIS

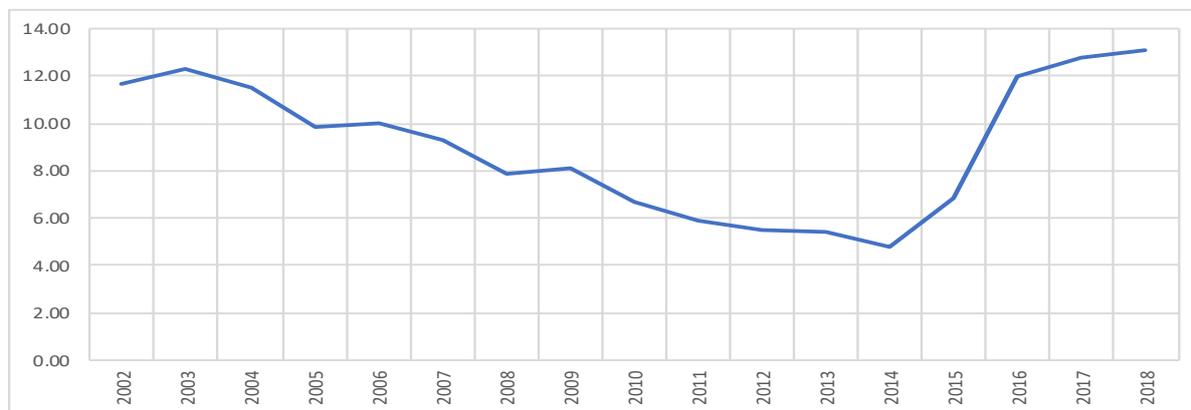
INTRODUÇÃO

De acordo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2013, o Paraná passou a ser a quarta maior economia do Brasil. Evidentemente, o estado levou tempo para conquistar esta posição de destaque. Até meados da década de 1960, a maior parte da renda do Paraná era gerada pelo setor agrícola. A partir dos anos 1970, houve a implantação de um setor industrial mais diversificado, elevando assim, o peso das atividades industriais na economia paranaense. Por volta de 1990, ocorreu um aumento da competitividade devido à inserção de novos padrões locacionais da indústria. Deste modo, um polo automobilístico foi formado, atrelado à modernização do agronegócio, ocasionado pelos grandes investimentos atraídos ao setor industrial paranaense (DUBIEL, 2013).

Em contrapartida, com base em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD) (2015), o Paraná foi o oitavo estado com a maior taxa de desemprego do país em 2015, ficando com a taxa menor apenas que os estados de Alagoas, Tocantins, Santa Catarina, São Paulo, Rio de Janeiro, Pernambuco e Rio Grande do Norte, de maior para menor taxa de desemprego, respectivamente.

Observa-se, no Gráfico 1, a taxa de desemprego médio no país de 2003 a 2018. Uma das maiores mudanças ocorreu a partir de 2015, quando a taxa de desemprego teve sua maior ascensão, porém não a maior taxa de desemprego. Em 2004, a taxa de desemprego estava acima de 12,5%. No entanto, do primeiro trimestre de 2004 até o início 2015, o desemprego reduz lentamente chegando a menos de 5%. No início de 2015, a taxa volta a subir e apresenta um aumento significativo, de mais de 2,5%, alcançando em 2018 uma das maiores taxas já registradas, atingindo 13,7%, ou seja, valores alarmantes.

Gráfico 1. Taxa de Desemprego Médio no Brasil – 2002-2018



Fonte: IBGE - PME, 2016.

Frente ao grande aumento do desemprego no país e também no estado, este estudo analisa as transições no mercado de trabalho no Paraná, avaliando as mudanças em suas 39 microrregiões. Desse modo será possível analisar o grau de desigualdade entre as regiões. Logo, a pesquisa busca responder o seguinte questionamento: Como foi o desempenho das microrregiões paranaenses em termos de novos empregos ao longo do período 2000, 2008 e 2017?

Este trabalho está subdividido em quatro seções, além desta introdução. A próxima seção apresenta a revisão de literatura. A terceira aborda a metodologia utilizada (*shift-share*) e uma análise prévia descritiva das variáveis utilizadas na pesquisa. A quarta seção expõe a análise das transições no mercado de trabalho das microrregiões do Paraná e em comparação ao Brasil, com base nos resultados da pesquisa. Por fim, a última seção é dedicada à conclusão.

REVISÃO DA LITERATURA

As escolas do pensamento econômico clássica e neoclássica desconsideravam o elemento espaço em suas análises, considerando a existência de um equilíbrio entre as regiões. Logo, os preços e a produtividade marginal também eram iguais em todas as regiões, sendo desconsideradas as externalidades geradas por aglomerações de atividades (SOUZA, 1981; CAVALCANTE, 2008).

De acordo com Ferrera de Lima (2003), Crocco et al. (2003) e Cavalcante (2008), atribui-se que os estudos econômicos passaram a incorporar a variável espaço como elemento

importante nos estudos do desenvolvimento econômico a partir dos trabalhos de Alfred Marshall. Segundo Strauch (1996) em seu ensaio bibliográfico sobre o autor, para Marshall a economia não era um objeto imutável, mas algo que estava em constante transformação, algo jamais seria uma verdade concreta, mas uma busca por ela.

A partir de Marshall, muitos outros estudiosos vieram concordando e comprovando sua teoria, assim como John Maynard Keynes, Joseph Schumpeter, Walter Isard e tantos outros até o presente século XXI.

Na visão de Souza (1981), mudanças nas características locacionais ao longo da história, como a industrialização e a revolução agrícola, promoveram um expressivo crescimento nos principais centros metropolitanos do mundo. Tendo a industrialização e urbanização ocorrido em intensidades diferentes em regiões diferentes. Tal crescimento foi maior nos principais centros nacionais do que nas periferias, acarretando em maiores desigualdades regionais.

A noção de espaço tem grande importância na economia moderna. O espaço é um reflexo da interferência humana, pois reflete suas evoluções e desenvolvimento em determinado período. Logo, o espaço econômico é resultado da acumulação do capital, podendo ser organizado em três concepções: espaço homogêneo, espaço polarizado ou espaço de planejamento (FERRERA DE LIMA, 2003, p.8-9).

Por espaço homogêneo, entende-se “um espaço contínuo com características semelhantes de densidade, de estrutura de produção, do nível de renda e várias outras similitudes”. O espaço polarizado envolve dependência de regiões próximas com características diferentes, onde os espaços mais desenvolvidos são considerados polos centrais. E os espaços periféricos, menos desenvolvidos, possuem relação de dependência para produção e consumo. Enquanto no espaço de planejamento todos os territórios que o compõem são inclusos num mesmo planejamento de desenvolvimento econômico, planejamento que garante “o acesso aos recursos naturais escassos, estabelecem as regras de localização dos assentamentos humanos e das diretrizes da exploração industrial e extrativa.”

A concentração espacial destaca a influência da indústria moderna, dos setores dinâmicos e da tecnologia mais avançada nas regiões. A desconcentração, por outro lado,

destaca as dinâmicas de determinados segmentos de produção que abrangem expressiva repercussão regional, gerando aumento da heterogeneidade das atividades nas regiões (GALVÃO E VASCONCELOS, 1999).

Assim como a concentração da tecnologia, pode-se avaliar questões de especialização com o espaço. Segundo Alves (2012), a especialização é uma manifestação da determinação de “potencial”, assim como é o poder de mobilização de determinado setor. No entanto, as regiões podem ser “monoespecializadas” ou “multiespecializadas”, tendo as economias mais desenvolvidas uma tendência à multiespecialização enquanto as economias estagnadas têm tendência à monoespecialização.

Ainda quanto ao espaço, Ferrera de Lima (2016; p. 15-16) diz que este possui elementos geográficos e características particulares, mas “para a região sempre há um conjunto de relações econômicas e sociais que tem como lugar comum as aglomerações.” As aglomerações urbanas são os principais centros produtivos, que geram uma dependência das regiões menos dinâmicas, impulsionando-as à dinâmica de produção. Portanto, o desenvolvimento regional é um processo que reflete o grau de melhoria, qualidade de vida da população e sua instrução, assim como as ações necessárias, políticas e movimentos para se atingir os estágios do desenvolvimento.

Estas ações podem ocorrer de forma espontânea ou induzida, por elementos exógenos (externos) ou endógenos (internos) da região.

FATORES EXÓGENOS E ENDÓGENOS

Quando se trata de diferentes espaços em termos geográficos, econômicos e sociológicos ainda há discussões sobre o impacto de fatores endógenos e exógenos. Segundo Piacenti (2012, p.63), os fatores endógenos “pressupõe o protagonismo dos atores locais, interagindo em laços de cooperação territorial que constituem o capital social de uma região”. Pode-se citar como exemplos de fatores endógenos o capital social, pesquisa e desenvolvimento (P&D), capital humano entre outros que atuam no mesmo sentido.

Conforme Piacenti (2012), utilizando-se de indicadores que identificam o capital humano, entre outros fatores endógenos, é possível hierarquizar regiões economicamente deprimidas, conforme seu potencial endógeno.

Dentre os fatores endógenos, a literatura traz o conceito de componentes diferenciais ou geográficos. O fator central destes componentes está nas características diferenciais do espaço que atraem mais produção, emprego, mão de obra e investimento, sejam essas características físicas ou não. Nem sempre a geografia ajuda, há casos onde a população é quem cria vantagens comparativas e competitivas em relação a outras regiões a partir de seu “potencial criativo” e “diferencial inovador”. Estas características também estão ligadas as condições de gerar conhecimento e de fortalecer associações das comunidades, o que atrai investimento. Outro fator importante para o desenvolvimento é o investimento, pois este aumenta a capacidade produtiva, logo, cria mais empregos e gera mais renda (FERRERA DE LIMA, 2016).

Todavia, a endogeneização e os componentes diferenciais não pressupõe a negação dos fatores exógenos. A forma motriz dos fatores exógenos também é importante para o desenvolvimento regional. De acordo com Oliveira e Lima (2003), a força motriz exógena é uma força externa instalada por um sistema “centro-abaxo” para desencadear o processo de desenvolvimento. Este sistema citado se refere à organização estrutural e macroeconômica de distribuição de investimento e incentivos ao desenvolvimento, sendo que estes incentivos ocorrem de forma mais intensa em regiões com maior potencial de desenvolvimento.

É neste ponto que a força motriz endógena fará maior diferença para a região, assim como a união dos fatores endógenos, exógenos. Conforme Oliveira e Lima (2003, p. 33), “no longo prazo, desenvolvimento de uma região pode ser explicado como resultado da interação de três forças: alocação de recursos, política econômica e ativação social”. Neste cenário dos fatores exógenos, a literatura ainda nos apresenta o conceito dos componentes estruturais.

Ferrera de Lima (2016) explica que os componentes estruturais estão ligados a fatores históricos ou exógenos que impactam nas regiões. Em casos de regiões que se desenvolvem independente dos fatores locais ou diferenciais, elas se movem de acordo com as transformações dos polos, a fim de prestar suporte ao dinamismo do centro. Outros fatores

que estimulam o crescimento das regiões periféricas são políticas e outras imposições do governo. Ou seja, as principais características dos componentes estruturais se relacionam com agentes externos.

Em suma, as etapas do desenvolvimento regional ocorrem por meio de alguma força. Sendo esta força endógena, por meio das características locais que podem ser exploradas em prol de desenvolver a região, ou por força social criando vantagens a partir de seu potencial criativo, tecnológico, ou outro capaz de atrair investimento, dinamizando a região. Ou ainda por força exógena, sendo um desenvolvimento dependente de forças externas, de um polo, de políticas entre outros que auxiliem no dinamismo da região.

Estes conceitos de componentes diferenciais e estruturais, que englobam os ideais do desenvolvimento endógeno e exógeno respectivamente, são amplamente abordados

PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

A análise desse estudo se faz para as 39 microrregiões do estado do Paraná, utilizando os 25 subsetores do emprego pela divisão do IBGE. Dada a evolução dos estudos de desenvolvimento regional apresentada, optou-se por utilizar o método *Shift-Share*, uma vez que este aborda em seu modelo os fatores endógenos e exógenos do desenvolvimento de diferentes regiões.

Utilizou-se como divisão setorial os subsetores do IBGE, formada por 25 atividades econômicas, sendo elas Extração de Minerais; Indústria de Produtos Minerais não Metálicos; Indústria Metalúrgica; Indústria Mecânica; Indústria do Material Elétrico e de Comunicações; Indústria do Material de Transporte; Indústria da Madeira e do Mobiliário; Indústria do Papel, Papelão, Editorial e Gráfica; Indústria da Borracha, do Fumo, de Couros, Peles e Produtos Similares e Indústria Diversa; Indústria Química, de Produtos Farmacêuticos, Veterinários, de Perfumaria, Sabões, Velas e Matérias Plásticas; Indústria Têxtil, do Vestuário e Artefatos de Tecidos; Indústria de Calçados; Indústria de Produtos Alimentícios, de Bebida e Álcool Etílico; Serviços Industriais de Utilidade Pública; Construção Civil; Comércio Varejista; Comércio Atacadista; Instituições de Crédito, Seguros e de Capitalização; Administradoras de Imóveis, Valores Mobiliários, Serviços Técnicos Profissionais, Auxiliar de Atividade Econômica;

Transporte e Comunicações; Serviços de Alojamento, Alimentação, Reparo, Manutenção, Radiodifusão e Televisão; Serviços Médicos, Odontológicos e Veterinários; Ensino; Administração Pública Direta e Indireta e; Agropecuária - Agricultura, Silvicultura, Criação de Animais, Extração Vegetal e Pesca.

Os dados dos 25 setores mencionados foram calculados os parâmetros do *Shift-Share* para cada microrregião geográfica do estado, para então se estabelecer as comparações e discussões. Os dados foram obtidos do Ministério do Trabalho e Emprego através da Relação Anual de Informações Sociais (MTE/RAIS) para os anos de 2000, 2008 e 2017, para que se tenha uma melhor representatividade.

MÉTODO *SHIFT-SHARE*

De acordo com Lamarche et al. (2003), o método *shift-share* se tornou uma das técnicas mais utilizadas em desagregação de componentes em estudos de desenvolvimento regional devido à sua simplicidade. O método foi introduzido em 1940 pelo professor J. Harry Jones na *Royal Commission* tratando sobre a distribuição da população Industrial.

Em poucas palavras, Pospiez, Souza e Oliveira (2011) explicam a simplicidade do método:

A análise *shift-share* decorre de ações ou alterações, o que proporciona a separação das mudanças que ocorrem nas variáveis econômicas em diferentes componentes que possibilitam uma análise de como essas mudanças ocorreram. [...] O método *shift-share* capta as variações a partir dos efeitos estrutural e diferencial: 1. Efeito estrutural: reflexo na mudança atribuída à configuração produtiva da região (diferença de dinamismo entre a região e a sua referência). 2. Efeito diferencial: mudança que ocorre em consequência do crescimento desigual do setor produtivo em âmbito regional e nacional (vantagens e desvantagens da economia regional) (POSPIEZ, SOUZA E OLIVEIRA. 2011, p. 329).

A análise *shift-share* se apresenta como um instrumento oportuno para entender a evolução do desempenho de setores e regiões. Conforme Alves (2012), há três premissas básicas que sustentam este modelo:

1. O crescimento do emprego é definido primeiramente na região de referência;

2. O crescimento do emprego é maior em alguns setores (nos setores dinâmicos) do que em outros (setores tradicionais, de pouca inovação e dinâmica);

3. Fatores estritamente regionais (políticas econômicas dos governos regionais, cultura empresarial regional, etc.) na estrutura produtiva podem interferir na dinâmica da região, tornando-a mais dinâmica a ponto de se comparar ou até superar o dinamismo de uma região com estrutura produtiva sustentada em setores dinâmicos.

No presente estudo, a região de referência é o estado do Paraná. A variável escolhida como referência é o emprego formal a ser averiguado nos 25 setores de atividade econômica citados anteriormente.

Alves (2012) explica o modelo matemático básico como descrito nas Equações 1 a 4:

$$PO_{tj}^{T1} - PO_{tj}^{T0} = VT = R + P + D \quad (1)$$

Em que as variáveis representam:

PO_{tj}^{T1} : Pessoas Ocupadas no setor i da microrregião j no ano 2016 (T1);

PO_{tj}^{T0} : Pessoas Ocupadas no setor i da microrregião j no ano 2000 (T0);

VT: a variação total do emprego formal entre o período (ano 2016 – ano 2000) para cada microrregião;

R: o componente que representa o total do estado. É o quanto o número de empregos teria variado em cada microrregião se este tivesse exatamente a mesma variação que o estado teve;

P: o componente setorial, ou proporcional. É a diferença entre a variação do setor (i) específico no estado, e a variação agregada do mesmo.

D: o componente diferencial. É a diferença entre a variação ocorrida no setor (i) específico da microrregião e a mesma variação no estado.

Para obter as variáveis explicativas (R, P e D), deve-se proceder do seguinte modo:

$$R = \sum_i PO_{ij}^{T0} \left(\frac{PO_{tt}^{T1}}{PO_{tt}^{T0}} - 1 \right) \quad (2)$$

$$P = \sum_i PO_{ij}^{T0} \left(\frac{PO_{it}^{T1}}{PO_{it}^{T0}} - \frac{PO_{tt}^{T1}}{PO_{tt}^{T0}} \right) \quad (3)$$

$$D = \sum_i PO_{ij}^{T0} \left(\frac{PO_{ij}^{T1}}{PO_{ij}^{T0}} - \frac{PO_{it}^{T1}}{PO_{it}^{T0}} \right) \quad (4)$$

Em que:

PO_{tt} = Total de pessoas ocupadas no estado;

PO_{it} = Pessoas ocupadas do setor i no estado;

PO_{ij} = Pessoas ocupadas no setor i da microrregião j .

A partir dessas equações, pode-se efetuar a análise de “realocação espacial” e averiguar, entre as microrregiões geográficas do estado do Paraná, qual obteve maior/menor ganho/perda na geração de postos de trabalho, considerando dois instantes no tempo, e avaliar quais setores contribuíram de forma mais/menos intensa para o resultado.

O método *shift-share* tem como principal objetivo, determinar o grau de influência da especialização regional no seu crescimento, levando em conta a importância que outros fatores regionais tiveram no crescimento diferencial, e pode ser utilizado para captar esse comportamento da dinâmica regional.

Alves (2012) explica que a variação estrutural, também chamada de variação proporcional (P) apresenta a variação no crescimento, seja esta positiva ou negativa, demonstrando assim a participação relativa dos setores dinâmicos ou de crescimento lento, sendo possível verificar se sua especialização setorial inicial favorece ou prejudica sua economia. Enquanto o parâmetro diferencial (D) mostra se os setores da microrregião cresceram mais que a média do estado e se a microrregião possui vantagens competitivas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O estudo objetiva responder quais são as microrregiões do Paraná onde a diversificação produtiva é maior. Num primeiro momento avalia-se os números totais de emprego no período de 2000, 2008 e 2017, e fica evidente o crescimento significativo de pessoas empregadas no Paraná, principalmente no primeiro período (2000-2008). No ano 2000 havia aproximadamente 1,6 milhões de empregos formais, ao passo que no ano de 2008 registrou-se pouco mais de 2,5 milhões, resultando assim um crescimento de 51,44%,

enquanto a população paranaense cresceu pouco mais de 10,72% no mesmo período, um valor bem inferior ao número de empregos criados, conforme nota-se na Tabela 1 a seguir.

Tabela 1 - Variação da população e do emprego no Paraná no período de 2000, 2008 e 2017

Variável	2000	2008	2017	Varição 2000-2008	Varição 2008-2017
População	9.564.643	10.590.169	11.320.892	10,72%	6,90%
Emprego	1.653.373	2.503.895	3.028.192	51,44%	20,94%

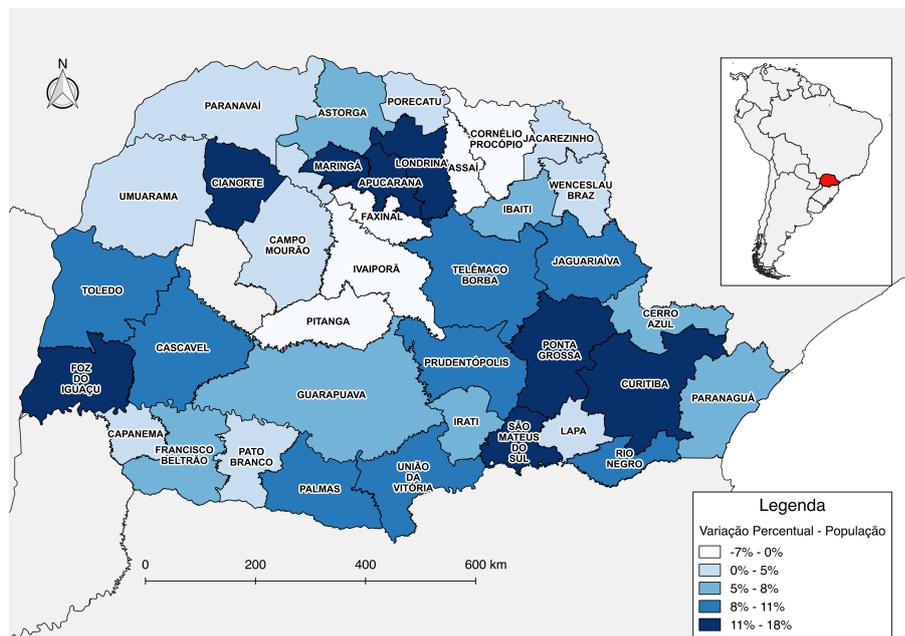
Fonte: Dados da Pesquisa com base em MTE/RAIS (2018)

Do mesmo modo, quando comparado aos anos posteriores, analisados no período entre 2008-2017, o crescimento é inferior, tendo o número de empregos crescido 20,94% enquanto a população paranaense cresceu somente 6,9%. De modo geral, no período analisado o emprego cresceu mais do que a população do Paraná, sendo tal fato uma possível ferramenta de identificação de potencialidades e áreas a se concentrar investimento de acordo com o diferencial de cada região.

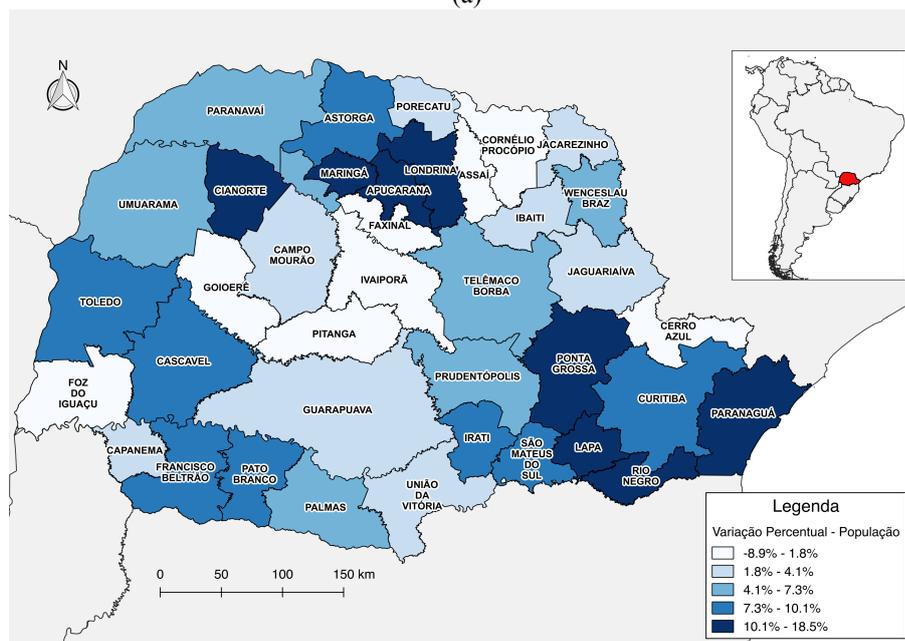
Uma análise microrregional primeiramente para o período de 2000-2008, mostra que os maiores crescimentos populacionais estão nas regiões metropolitanas de Curitiba, Maringá, Londrina, Foz do Iguaçu, Ponta Grossa, enquanto as demais microrregiões apresentaram um crescimento mediano ou até mesmo retração do crescimento populacional, conforme sintetiza a Figura 1a. Do mesmo modo, para o período de 2008-2017, observa-se um crescimento menos acentuado com destaque as regiões metropolitanas de Maringá, Londrina e Cianorte, bem como o crescimento das microrregiões próximas a capital (Curitiba), Figura 1b.

Por outro lado, analisando o emprego total para o período de 2000-2008, as microrregiões que obtiveram os menores aumentos percentuais foram as microrregiões de Paranaguá (32,27%), União da Vitória (32,88%) e Prudentópolis (41,24%). Em contrapartida, os maiores percentuais foram verificados nas microrregiões de Cerro Azul (86,52%), Francisco Beltrão (90,71%) e Ibaiti (103,86%), conforme pode-se observar na Figura 2a. Posteriormente, para o período de 2008-2017, as microrregiões com o menor percentual de crescimento foram Ibaiti (-12,13%), Porecatu (-0,93%) e Cornélio Procopio (3,51%), enquanto as que obtiveram o maior crescimento foram Pitanga (50,16%), Wenceslau Braz (50,35%) e Pato Branco (55,68%).

Figura 1 - Variação percentual da população nas microrregiões do Paraná de: a) 2000 a 2008 e b) 2008 a 2017



(a)



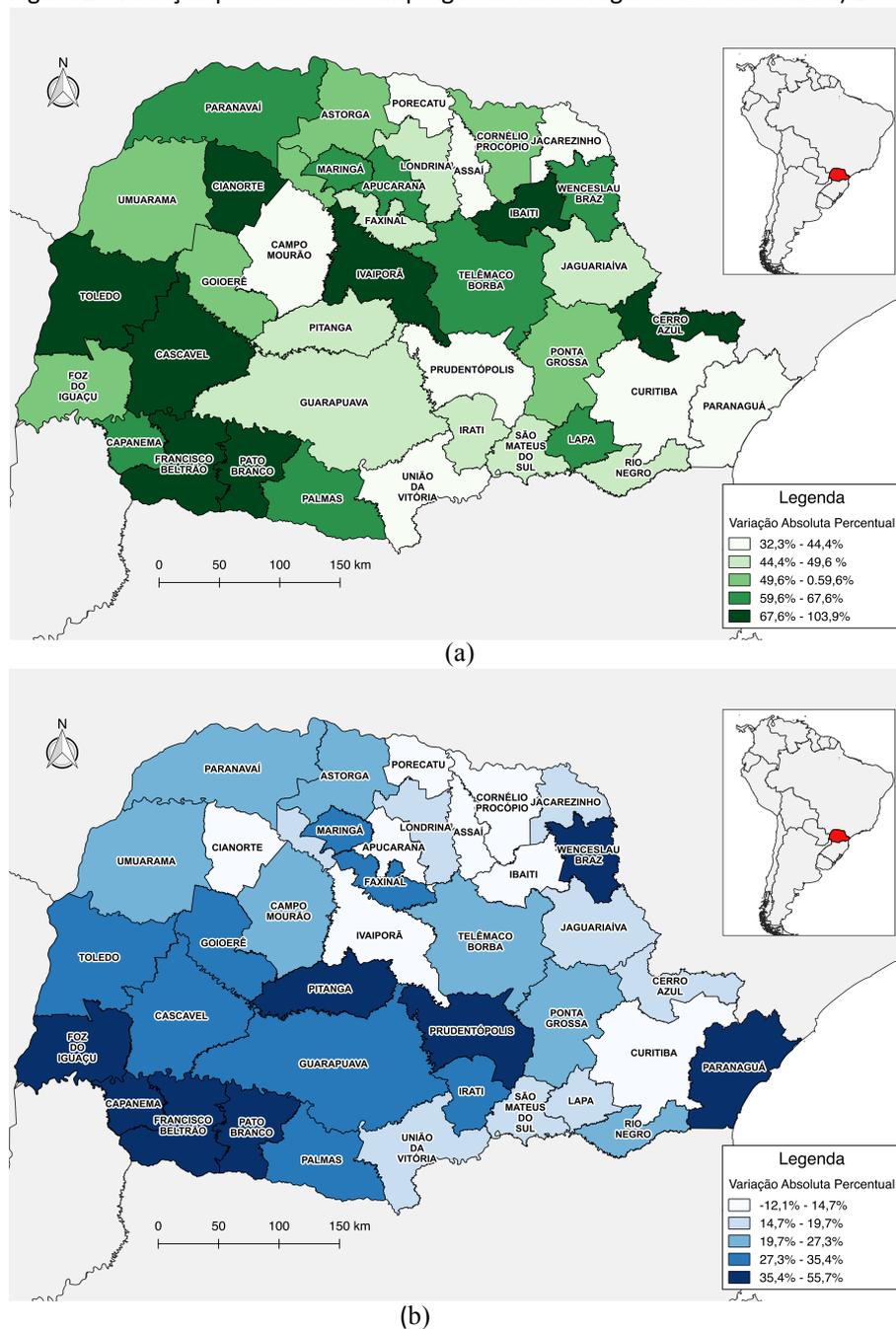
(b)

Fonte: Elaborado pelos autores com base em dados do IPARDES

Quanto as microrregiões que obtiveram menor variação percentual com relação ao número de emprego, no período de 2000-2008, observa-se que a microrregião de Paranaguá apresentou destaque no setor de Extrativa Mineral com crescimento de 274% e a Indústria Química 162% e decréscimos significativos no setor de Adm. Técnica e Profissional (-37%) e Indústria da Borracha, Couro e Fumo (-69%). A microrregião de União da Vitória, por sua vez, apresentou destaque nos setores de Agricultura (141%) e Construção Civil (143%), e

decréscimo nos setores de Indústria da Borracha, Fumos e Couro (-70%) e Indústria de Calçados (-100%). A microrregião de Prudentópolis exibiu destaque para Indústria de Calçados (1.343%) e Indústria Química (500%) e decréscimo nos setores de Indústria de Borracha, Fumos e Couro (-46%) e Extrativa Mineral (-64%).

Figura 2 - Variação percentual do emprego nas microrregiões do Paraná de: a) 2000 a 2008 e b) 2008 a 2017



Fonte: Resultados da pesquisa.

Em contrapartida, as microrregiões que apresentaram maior crescimento no período de 2000-2008, Cerro Azul obteve destaque nos setores Comércio Atacadista (550%) e Extrativa

Mineral (1.367%) e decréscimos nos setores de Ensino (-12%) e Indústria de Alimentos e Bebidas (-63%). Francisco Beltrão mostrou forte crescimento na Indústria de Materiais Elétricos e Comunicação (354%) e Indústria Química (266%), não houve crescimento no setor de Indústria de Calçados (0%) e decréscimo no setor de Serviços de Utilidade Pública (-45%). Por fim, a microrregião de Ibaiti apresentou significativo destaque para Indústria de Alimentos e Bebidas (2.816%) e Adm. Técnica e Profissional (2.403%), e retração no número de empregos no setor da Agricultura (-43%) e no setor de Indústria de Material de Transporte (-100%).

Logicamente, quando se analisa a variação absoluta da quantidade de emprego nos setores de destaque na variação percentual, no mesmo período, o cenário não é muito diferente. A microrregião de Paranaguá apresentou grande crescimento nos setores de Extrativa Mineral e Indústria Química (288 e 1.230 respectivamente), e decréscimo nos setores Adm. Técnica e Profissional e Construção Civil (-2.075 e -255 funcionários respectivamente). União da Vitória, por sua vez apresentou grande crescimento nos setores de Agricultura e Construção Civil (744 e 219) e decréscimos no setor de Indústria da Madeira e Mobiliário e Indústria de Borracha, Fumos e Couro (-333 e -74). Enquanto a região de Prudentópolis teve grande crescimento no setor Comércio Varejista e Adm. Pública (1.570 e 1.046) e perda de funcionários no setor de Indústria de Madeira e Mobiliário e Extrativa Mineral (-866 e -36).

Quanto as microrregiões que apresentaram maior crescimento em seus valores percentuais, analisando-se valores absolutos, a microrregião de Cerro Azul apresentou destaque o setor de Administração Pública e Agricultura (332 e 369) e teve variação negativa nos setores de Ensino e Indústria de Alimentos e Bebidas (-3 e -2). Para a microrregião de Francisco Beltrão os setores que mais criaram empregos foram o Comércio Varejista e Indústria de Alimentos e Bebidas (4.916 e 4.031) e setores com menor crescimento e decréscimo, Indústria de Calçados e Serviços de Utilidade Pública (0 e -56). Em Ibaiti os setores mais representativos em crescimento absoluto foram Indústria de Alimentos e Bebidas e Adm. Técnica e Profissional (2.703 e 1.586) e menor Agricultura e Serviços Médicos, Odontológicos e Veterinários (-744 e -44). Ou seja, apesar dos setores anteriormente destacados apresentarem grande variação percentual do número de empregos, não necessariamente estes tratam-se de setores que empregam muita mão-de-obra.

Do mesmo modo, quando se analisa o período de 2008-2017, destacaram-se com os menores crescimentos percentuais a microrregião de Ibaiti, onde o setor de Indústria de Materiais Elétricos e Comunicação apresentou crescimento de -100%, seguido pela Indústria de Alimentos e Bebidas com -50%, em contrapartida, os destaques positivos foram a Indústria Metalúrgica (300%) e a Indústria de Química (1.067%). Da mesma maneira, microrregião de Porecatu apresentou destaque positivo para os setores da Indústria de Madeira e Mobiliário e Materiais Elétricos e Comunicação (130% e 278%, respectivamente), e decréscimos nos setores da Indústria de Alimentos e Indústria da Borracha, Fumo e Couros (-31% e 80%). Por fim, a microrregião de Cornélio Procópio apresentou bom crescimento percentual nos setores de Extrativa Mineral (229%) e Serviços de Utilidade Pública (233%) e decréscimos nos setores de Agricultura (-46%) e Indústria Têxtil (-67%). Quando verificamos os maiores crescimentos, estes podem ser observados na microrregião de Pitanga, apresentando destaque positivo aos setores de Transportes e Comunicação e Indústria Mecânica (293% e 1.000%, respectivamente) e decréscimos nos setores de Indústria Química e Indústria de Calçados (-100% para ambos setores). A microrregião de Wenceslau Braz apresentou crescimento nos setores da Indústria de Materiais de Transporte e Indústria Elétrica e Comunicação (473% e 6.833%, respectivamente) e decréscimos nos setores da Indústria Metalúrgica e Indústria de Calçados (-70% e -100%).

Quanto a variação absoluta do emprego para essas microrregiões citadas, observa-se que a microrregião de Ibaiti apresentou redução no número de vagas para os setores de Adm. Técnica e Profissional e Indústria de Alimentos e Bebidas (-586 e -2.656), enquanto os setores de Indústria Têxtil e Adm. Pública criou vagas (474 e 382, respectivamente). A microrregião de Porecatu criou empregos nos setores Comércio Varejista e Adm. Pública (383 e 418) e redução de vagas nos setores da Indústria de Alimentos e Bebidas e na Agricultura (-1.351 e -418). Por fim, a microrregião de Cornélio Procópio criou vagas nos setores de Serviços de Alojamento e Comunicação e Serviços Médicos Odontológicos e Veterinários (2.882 e 1.629) e significativos decréscimos nos setores de Agricultura e Indústria Têxtil (-4.539 e -912). Já entre aqueles que obtiveram o maior crescimento a microrregião de Pitanga para os setores de maior crescimento percentual, Comércio Varejista e Adm. Pública, criou 693 e 649 empregos respectivamente, e decréscimos nos setores de Indústria Química e Indústria de Material de Transporte (-6 e -2). A microrregião de Wenceslau Braz para os setores da Indústria de Têxtil

e Comércio Atacadista criou 1.662 e 2.074 empregos, e redução nos setores da Indústria Metalúrgica e Indústria de Alimentos e Bebidas (-366 e -170).

Analisando-se a variação absoluta do número de empregados, um cenário um pouco diferente é observado, não sendo necessariamente os setores dinâmicos aqueles que mais geraram emprego no período analisado, sendo dinâmicos aqueles setores que cresceram acima da média do estado. No primeiro período analisado (2000/2008), observa-se que 56% nos setores apresentavam desempenho acima da média do estado (destacados em verde), enquanto que, para o segundo período (2008-2017) houve uma redução, com apenas 36% dos setores sendo dinâmicos.

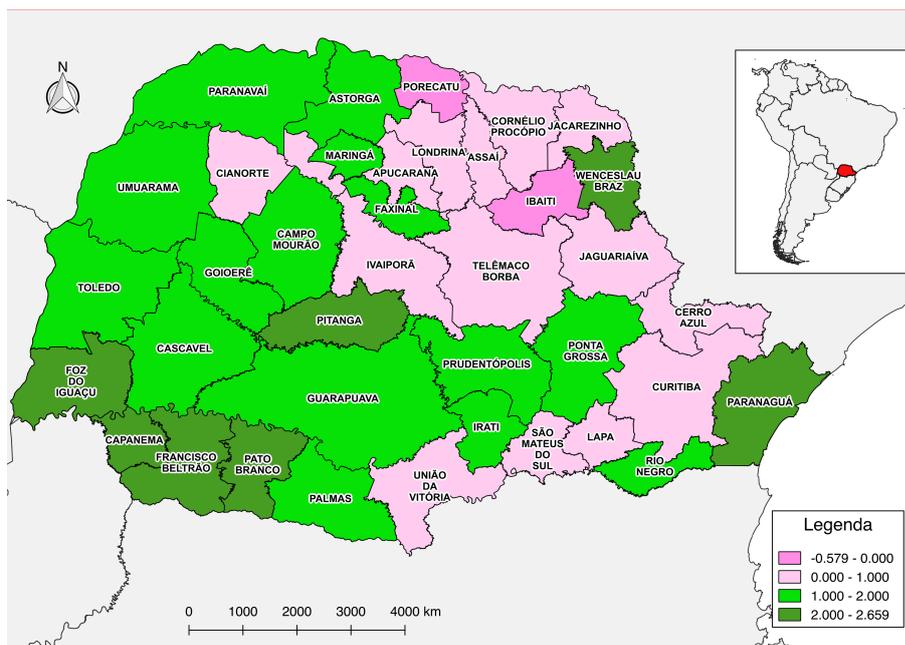
Observa-se na Tabela 2 a variação percentual do número de empregos formais em cada um dos 25 subsetores no total do Paraná no período analisado.

Tabela 2 - Variação do emprego no Paraná por setor no período de 2000, 2008 e 2017

Setor	Empregos em 2000	Empregos em 2008	Empregos em 2017	Variação 2000 a 2008	Var. % 2000 a 2008	Variação 2008 a 2017	Var. % 2008 a 2017	
Novos setores não dinâmicos	Indústria Têxtil	47.479	85.059	37.580	79,15%	-13.395	-15,75%	
	Material de Transporte	21.265	37.171	33.834	15.906	74,80%	-3.337	-8,98%
	Madeira e Mobiliário	68.344	75.564	69.486	7.220	10,56%	-6.078	-8,04%
	Elétrico e Comunic.	11.530	20.382	19.223	8.852	76,77%	-1.159	-5,69%
	Extrativa Mineral	4.302	5.617	5.476	1.315	30,57%	-141	-2,51%
	Agricultura	85.616	104.022	102.474	18.406	21,50%	-1.548	-1,49%
	Indústria Metalúrgica	22.252	41.724	41.130	19.472	87,51%	-594	-1,42%
	Papel e Gráf.	26.267	36.357	35.894	10.090	38,41%	-463	-1,27%
	Prod. Mineral Não-Metal.	18.080	24.400	26.455	6.320	34,96%	2.055	8,42%
	Serviço Utilidade Pública	16.505	24.095	26.340	7.590	45,99%	2.245	9,32%
	Alimentos e Bebidas	78.934	182.320	205.639	103.386	130,98%	23.319	12,79%
	Borracha, Fumo, Couros	11.107	17.245	19.823	6.138	55,26%	2.578	14,95%
	Construção Civil	64.528	97.194	112.180	32.666	50,62%	14.986	15,42%
	Indústria Calçados	1.485	2.648	3.138	1.163	78,32%	490	18,50%
	Comércio Varejista	244.340	442.632	529.964	198.292	81,15%	87.332	19,73%
Aloj. Comunic.	151.265	208.597	250.602	57.332	37,90%	42.005	20,14%	
Total das Atividades	1.653.373	2.503.895	3.028.192	850.522	51,44%	524.297	20,94%	
Novos setores dinâmicos	Indústria Química	27.463	48.036	58.575	20.573	74,91%	10.539	21,94%
	Indústria Mecânica	19.675	37.896	46.262	18.221	92,61%	8.366	22,08%
	Administração Pública	327.816	392.376	480.293	64.560	19,69%	87.917	22,41%
	Instituição Financeira	32.647	44.147	54.876	11.500	35,23%	10.729	24,30%
	Ensino	60.900	92.420	128.171	31.520	51,76%	35.751	38,68%
	Médicos Odontológicos Vet.	51.917	79.781	111.275	27.864	53,67%	31.494	39,48%
	Transporte e Comunicações	86.001	132.060	187.706	46.059	53,56%	55.646	42,14%
	Adm. Técnica Profissional	127.989	190.045	284.277	62.056	48,49%	94.232	49,58%
	Comércio Atacadista	45.666	82.107	123.435	36.441	79,80%	41.328	50,33%

Fonte: Dados da Pesquisa com base em MTE/RAIS (2018).

Ao analisar os dados referentes à variação do emprego, torna-se necessário observar os setores que mais cresceram percentualmente, principalmente no período de 2008-2017, uma vez que este é marcado por crises internacionais e internas, sendo portanto, destaque o setor de Comércio Atacadista (50,33%), Adm. Técnica Profissional (49,58%), Transporte e



(b)

Fonte: Resultados da pesquisa.

Observa-se, no período de 2008-2017, uma concentração espacial mais ao nordeste e sudestes do estado das regiões obtiveram desempenho abaixo da média estadual, enquanto que no período 2000-2008 as mesmas se encontravam ao norte, extremo leste e mais ao centro sul do estado.

Analisando-se os resultados do método *shift-share*, aconselha-se iniciar a análise pela variação regional também chamada de taxa teórica, pois seu valor demonstra o que teria ocorrido se a microrregião crescesse à mesma taxa da região de referência, no caso o estado do Paraná, em todos os setores da economia de acordo com a divisão do IBGE subsetores. Portanto, este parâmetro analisa o efeito tamanho da microrregião em relação ao Paraná.

Pode-se destacar as microrregiões com maiores valores totais de variação regional para o período de 2000 a 2008 como Curitiba, Londrina e Maringá, que apresentaram valores de 371.802, 65.809 e 46.983 respectivamente, sendo estas as microrregiões que compreendem os maiores municípios do estado bem como a capital e, portanto, seus setores de emprego já estão bem estruturados e consolidados. Já as microrregiões que teriam menor crescimento de acordo com este parâmetro destacam-se Cerro Azul, Floraí e Faxinal com valores de 738, 1.619 e 2.039 respectivamente, sendo as microrregiões que compreendem alguns dos menores municípios do estado, tendo sua matriz de emprego mais limitada. O

mesmo cenário é verificado para o período de 2008-2017, sendo as mesmas microrregiões possuidoras dos maiores e menores valores de emprego.

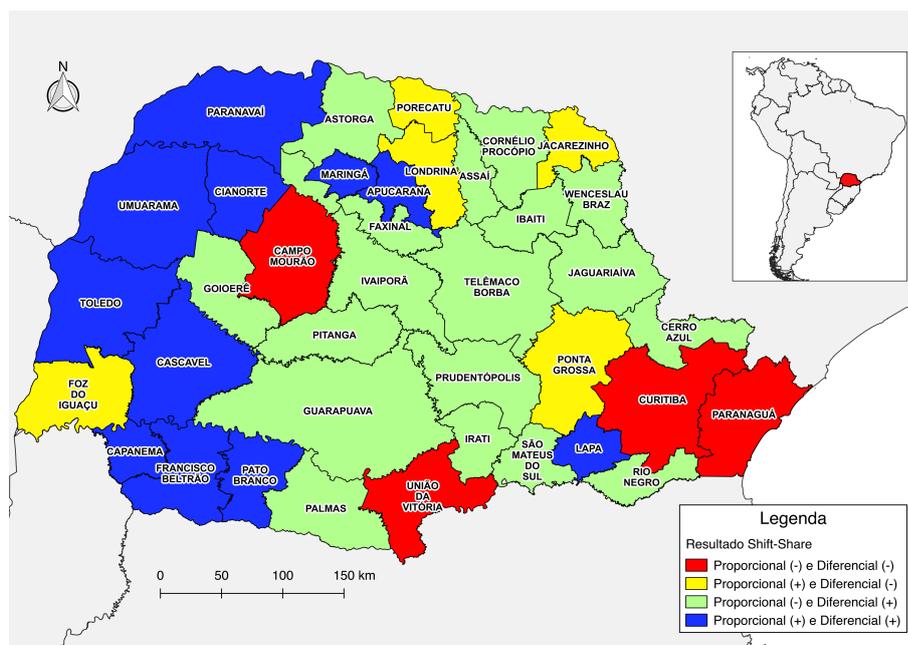
Analisando o fator proporcional para o intervalo de 2000-2008, as microrregiões que apresentaram maiores valores totais para este parâmetro de análise, são aquelas que compreendem os municípios Toledo, Londrina e Maringá com valores de 5.495, 9.952 e 6.385 respectivamente. Enquanto os menores valores podem ser encontrados nas microrregiões de Curitiba, União da Vitória e Guarapuava com valores de -14.441, -2.112 e -3.838 respectivamente. Sendo os setores que obtiveram melhor desempenho, contribuindo para um melhor dinamismo exógeno das microrregiões a Indústria de Comércio e Bebidas, o setor de Comércio tanto Varejista, quanto Atacadista e a Indústria Têxtil. Tal fato pode ser explicado pelo forte apelo agroindustrial desenvolvido no estado nas últimas décadas, com o desenvolvimento de diversas cooperativas, o crescimento da renda dos consumidores estimulando o comércio, e a especialização da mão de obra com o surgimento de diversos institutos de pesquisa e ensino, qualificando a administração.

Quando passamos a analisar os maiores valores proporcionais para o período de 2008-2017, novamente destacam-se microrregiões que abrigam os maiores municípios do estado, dentre elas a microrregião de Curitiba, Londrina e Paranaguá (32.893, 3.042 e 2.327, respectivamente) esta última principalmente pela atuação porto naval, responsável pelo escoamento de grande parte do produto do estado. Dentre os menores valores destacam-se as microrregiões de Umuarama, Cianorte e Apucarana (-3.009, -4.018 e -6.517, respectivamente). Para este período destacam-se positivamente a atuação dos setores de Adm. Técnica e Profissional, e Transporte e Comunicação, bem como o destaque negativo são os setores de Indústria Têxtil e Agricultura.

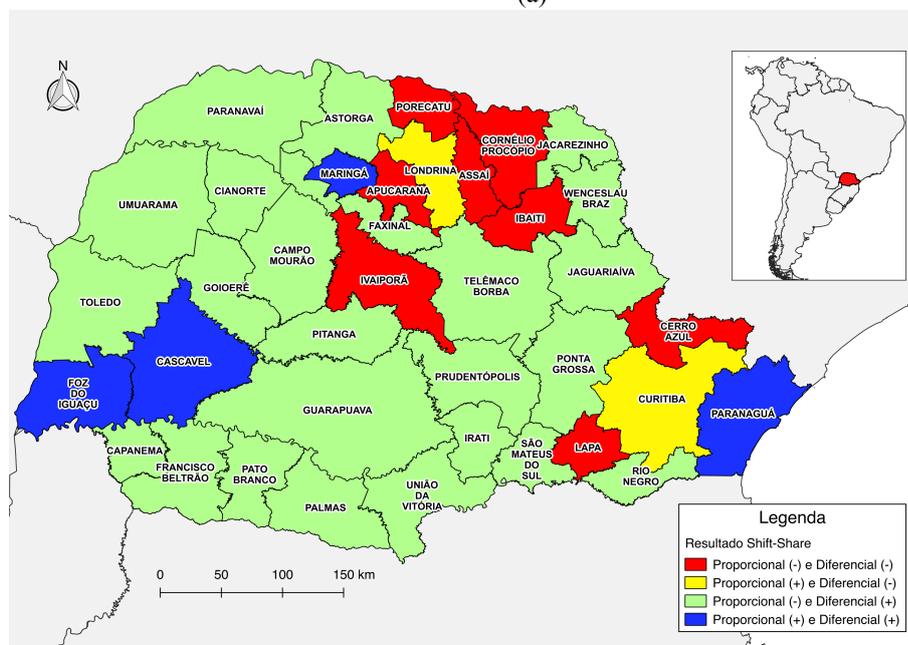
A variação diferencial, ou competitiva, indica o montante positivo ou negativo de crescimento que a região conseguiria pelo fato de a taxa de crescimento em determinados setores ter sido maior ou menor nesta região do que na média estadual, mostrando aquelas regiões que obtiveram um crescimento devido a alguma característica local, ou seja, seu crescimento se deu por algum fator endógeno.

A distribuição dos saldos tanto proporcional quanto diferencial para cada microrregião pode ser visualizada na Figura 4, sendo as regiões em azul com mais dinamismos tanto endógeno quanto exógeno.

Figura 4 - Representação geográfica das microrregiões segundo o saldo proporcional e diferencial calculado na análise *Shift-Share*: a) 2000 a 2008 e b) 2008 a 2017



(a)



(b)

Fonte: Resultados da pesquisa.

De modo geral, observa-se que o período de análise foi bom para as microrregiões, uma vez que a moeda nacional já se encontrava estável, sendo o período após abertura

comercial do estado, bem como o aumento das exportações de produtos agropecuários e seus produtos subsequentes, gerando a diversificação da matriz de emprego em várias microrregiões.

No período de 2000-2008, cerca de 7,69% das microrregiões do Paraná não apresentaram saldo positivo para o parâmetro diferencial, sendo os setores de maior destaque nas microrregiões o Comércio Varejista, Administração Pública e Indústria de Alimentos e Bebidas, com 30,77%, 28,21% e 23,08% respectivamente.

Das microrregiões analisadas para o período de 2008-2017, somente cerca de 13% não apresentaram saldo positivo para o parâmetro diferencial, mostrando assim que o Paraná, desenvolveu várias características locais que contribuíram para o desenvolvimento do emprego no Estado, sendo os setores do Comércio Varejista, Agricultura e Indústria de Alimentos e Bebidas os setores que mais influenciaram positivamente as microrregiões em 30,8%, 17,95% e 17,95% respectivamente.

Ao analisar as microrregiões que apresentaram valores tanto proporcional quanto diferencial negativo, primeiramente para 2000-2008, pode-se observar que tais microrregiões representam quase 10,3% do total do Paraná e estas foram Curitiba (-14.441 e -39.494), Campo Mourão (1.586 e -696), Paranaguá (-210 e -6.529), e União da vitória (-2.112 e -559). Analisando o valor proporcional, é possível observar que há um padrão de setores que mais contribuíram negativamente (Agropecuária e Administração Pública), e positivamente (Comércio Varejista e Indústria de Alimentos e Bebidas), sendo, portanto, regiões pouco diversificadas economicamente onde estes setores possuem um peso muito expressivo na sua base econômica, correspondendo a mais de 40% da sua matriz.

Quando se analisa os valores diferenciais não há um padrão bem definido, sendo os setores que mais se destacaram a Agropecuária e Indústria de Alimentação e Bebidas. Portanto, as características tanto endógenas quanto exógenas destas microrregiões não favoreceram o seu desenvolvimento, seja por suas características locais ou por incentivos externos.

Posteriormente, analisando-se o período de 2008-2017, observa-se um aumento no número das microrregiões que obtiveram resultados negativos tanto para o valor

proporcional quanto diferencial, cerca de 20,5% das microrregiões, sendo estas algumas de menor expressão como Apucarana (-6.517 e -928), Assaí (-389 e -1.005), Cerro Azul (-7 e -79), Cornélio Procopio (-1.982 e -4.354), Ibaiti (-231 e -3.978), Ivaiporã (-818 e -309), Lapa (-367 e -153) e Porecatu (-697 e -2.642). Da mesma forma, os setores que mais contribuíram negativamente para estas microrregiões do Estado foram Agricultura e a Indústria Têxtil, enquanto que os que mais contribuíram positivamente foram Administração Técnica Profissional e Transporte e Comunicações para o fator Proporcional, e para o Diferencial não é possível identificar um padrão bem definido.

Analisando as microrregiões que apresentaram valores proporcional negativo e diferencial positivo (2000-2008), é possível notar que tal comportamento está presente em 19 microrregiões, ou seja, foi o comportamento do emprego de 48,71% das regiões paranaenses. Posteriormente, para o período 2008-2017, observa-se um aumento deste percentual, passando a representar 64,1% das microrregiões. O que significa que o estado passou a desenvolver-se mais por suas características locais, quando se trata de períodos de crise.

Observa-se um resultado lógico dos setores que apresentaram variação negativa proporcional para o período de 2000-2008, sendo estes os setores Extração Mineral, Ind. de Minerais Não Metálicos, Ind. da Madeira e do Mobiliário, Ind. do Papel e Gráficas, Ind. da Borracha, Ind. têxtil, Serviços de Utilidade Pública, Construção Civil, Instituições Financeiras, Serviços de Alojamentos, Adm. Técnica Profissional, Administração Pública e da Agricultura. Dentre esses, os setores que tiveram as maiores variações negativas proporcional e, portanto, não foram favorecidos pelas políticas exógenas às economias das microrregiões foram o de Madeira e Mobiliário, Administração Pública e da Agricultura, uma vez que tais setores são aos mais básicos da economia de todas as microrregiões.

Igualmente, quando se analisa o período de 2008-2017, os setores que mais contribuíram negativamente para o resultado Proporcional das microrregiões são: Extrativa mineral, Produção Mineral Não-Metálico, Indústria Metalúrgica, Indústria Elétrica e Comunicação, Indústria Material de Transporte, Indústria Madeira e Mobiliário, Indústria Papel e Gráfica, Indústria Borracha, Fumo, Couros, Indústria Têxtil, Indústria Calçados, Indústria Alimentos e Bebidas, Serviço Utilidade Pública, Construção Civil, Comércio Varejista,

Alojamento e Comunicação, Agricultura, ou seja, observa-se que grande parte dos setores são setores industriais, indicando que o setor de comércio e serviço foram afetados com menor intensidade pelas turbulências econômicas enfrentadas pelo Brasil, do mesmo modo, dos 39 setores analisados somente 9 não contribuíram negativamente para o resultado do estado.

Já na análise da variação diferencial não há um padrão entre os setores, no entanto, pode-se dizer que o setor do Instituições Financeiras e Transporte e Comunicações tiveram destaque positivo na maioria das microrregiões deste quadrante.

Ao se analisar o quadrante onde tem-se valores proporcional positivo e diferencial negativo (2000-2008), é possível observar a presença de apenas 12,8% das microrregiões, sendo elas Londrina (9.952 e -18.558), Foz do Iguaçu (2.103 e -1.179), Jacarezinho (25 e -1.303), Porecatu (663 e -1.612) e Ponta Grossa (1.679 e -690) com destaque para os valores proporcionais mais positivos dos setores de Comércio Varejista e Indústria de Alimentos e Bebidas, e os mais negativos Administração Pública e Indústria da Madeira e Mobiliário. Já para os valores diferenciais, novamente não há um padrão, cabe ressaltar que estas microrregiões estão entre as mais desenvolvidas do estado, possuindo, portanto, sua matriz de emprego bem diversificada.

Para o período de 2008-2017, observa-se uma redução do número de microrregiões que se enquadram neste quadrante (Proporcional positivo e Diferencial negativo), sendo somente Curitiba (32.893 e -114.337) e Londrina (3.042 e -6.410), duas das maiores cidades do estado, com uma dinâmica bem característica e matriz de emprego bem diversificada e desenvolvida.

O cenário onde se tem o melhor desempenho com relação ao emprego é aquele onde tanto o saldo dos valores proporcionais quanto o saldo dos valores diferenciais são positivos, observa-se que, para o período de 2000-2008, cerca de 28,2% das microrregiões se caracterizavam com este ambiente, sendo microrregiões de modo geral que possuem cidades de médio e grande porte do estado, com destaque positivo no valor proporcional para os setores de Comércio Varejista e Indústria de Alimento e Bebidas e destaque negativo para Administração Pública e Agropecuária. Este cenário apresenta um fator muito positivo uma

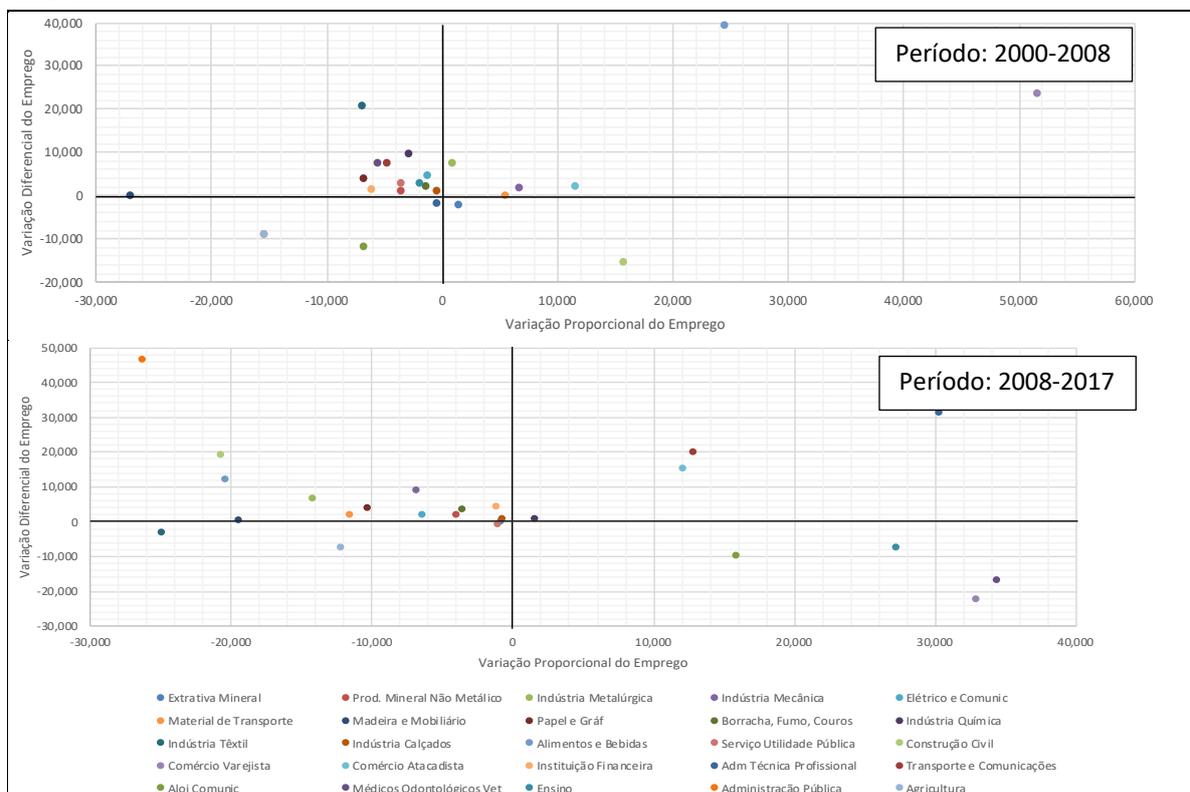
vez que apresenta que tais regiões diversificaram suas economias e estes setores básicos perderam representatividade.

Para o período posterior de análise (2008-2017), observa-se uma redução significativa do número de microrregiões onde os valores referentes aos valores diferenciais e proporcionais são ambos positivos, sendo somente 10,20%, indicando uma mudança na dinâmica dos estados, onde viu-se anteriormente que os valores proporcionais perderam importância, sobressaindo-se principalmente os valores diferenciais.

Quanto aos valores diferenciais não há um padrão de setores bem desenvolvidos que possa ser observado em nenhum dos períodos analisados, uma vez que as regiões são bem distintas e possuem características únicas locais.

Para uma melhor compreensão da magnitude dos resultados, realizou-se a comparação dos setores de emprego do Paraná tomando como região de referência o Brasil como um todo para os mesmos períodos, e os resultados setoriais podem ser observados no Gráfico 2.

Gráfico 2. Distribuição dos valores Diferenciais e Proporcionais para os setores de emprego no Paraná em relação ao Brasil



Fonte: Dados da Pesquisa com base em MTE/RAIS (2018).

Comparando-se os períodos de 2000-2008 e 2008-2017, observa-se uma maior dispersão nos pontos que compõem o segundo período no Gráfico 2, onde no primeiro período este concentravam-se em uma pequena parcela do 2º quadrante do gráfico.

No período de 2000-2008, o somatório dos valores proporcional e diferencial para o Estado representava -4.588 e 22.047, respectivamente, indicando que o estado possuía bons fatores endógenos, destacando-se principalmente os setores de Comércio Varejista e Indústria de Alimentos e Bebidas, que apresentaram um alto valor positivo tanto para o fator proporcional quanto para o diferencial, indo de encontro com os valores encontrados para a análise microrregional, onde estes mesmos setores foram responsáveis por um grande desempenho no estado. Negativamente, o setor de Administração Pública foi responsável por apresentar altos valores proporcionais e diferenças negativos, indicando um não dinamismo no estado frente ao Brasil.

Em seguida, no período de 2008-2017, o Estado do Paraná apresentou um somatório de -15.999 e 106.061 para seus fatores proporcionais e diferenciais, respectivamente, indicando uma melhora significativa nos valores endógenos do Estado frente ao Brasil, onde os setores que antes eram muito dinâmicos, como o Comércio Varejista e a Indústria de alimentos e bebidas, perderam seu grande dinamismo, o primeiro no fator diferencial, e o segundo no proporcional, enquanto, a Adm. Técnica e Profissional passou a possuir grande valor diferencial e proporcional, bem como o setor de Comércio Atacadista e Transporte e comunicações.

Por fim, observou-se que diversas microrregiões souberam aproveitar tanto suas potencialidades estruturais quanto diferenciais, gerando assim bons resultados na geração de emprego, assim como desenvolvimento da matriz de empregos para os municípios, com um crescimento mais intenso e distribuído no período de 2000-2008, uma vez que o período posterior é marcado por diversas crises, tanto nacional quanto internacional, e instabilidade política nacional pós 2014, gerando um crescimento menos intenso e mais concentrado em algumas áreas.

CONCLUSÃO

Diversas metodologias são utilizadas para analisar aspectos do desenvolvimento regional, dentre elas o *shift-share* ou método diferencial. Utilizando-se desta, pode-se observar que grande parte das microrregiões do estado do Paraná obtiveram seu desempenho justificado por influências diferenciais, ou seja, características locais, uma vez que no período de 2000-2008 mais 92% das microrregiões analisadas obtiveram desempenho positivo neste parâmetro, bem como no período posterior, onde 87% das microrregiões apresentaram resultado positivo, portanto, o crescimento da matriz de emprego do Paraná tem se desenvolvido principalmente por fatores endógenos.

De modo geral, nos períodos analisados o emprego cresceu mais do que a população do Paraná, sendo tal fato uma possível ferramenta de identificação de potencialidades e áreas a se concentrar investimento de acordo com o diferencial de cada região.

Na análise *shift-share* observou-se que para o período de 2000-2008, cerca de 28% das microrregiões apresentavam valor proporcional (P) e diferencial (D) positivos, ou seja, seu desenvolvimento deu-se tanto por fatores locais como por fatores externos. Para o mesmo período, destaca-se também que 48,7% das microrregiões apresentavam (P) negativo e (D) positivo. Do mesmo modo, foi possível observar que a maioria das microrregiões (64,10%), no período de 2008-2017, apresentaram (P) negativo e (D) positivo. Como (P) informa se o crescimento dos setores é dinâmico ou lento, o resultado da média dos setores da maioria das microrregiões paranaenses é que seu crescimento foi lento. Porém, ainda tiveram variação diferencial positiva, o que significa que mesmo tendo crescimento lento, houve setores que fizeram com que tais regiões crescessem mais do que a média do estado, ou seja, passaram a se desenvolver mais pelas suas características locais.

Também foi possível observar que (P) e (D) positivos ocorreram em algumas das microrregiões onde se localizam as maiores cidades do estado, enquanto (P) e (D) negativos estavam algumas das microrregiões com os menores municípios do estado de modo geral. Logo, é possível notar que as movimentações dentro do mercado de trabalho dependem muito da estrutura produtiva, e que esta implica na atratividade das regiões. Nas maiores

regiões, a estrutura produtiva era mais diversificada e não dependia unicamente dos setores básicos como na maioria dos casos das microrregiões menores.

Identificou-se dentro de cada um dos quadrantes os setores que mais contribuíram positivamente e negativamente para cada microrregião, podendo desta forma, analisar as particularidades de cada microrregião, uma vez que o estado possui grande diversificação da matriz de empregos dependendo da região de análise.

O Paraná, quando analisado em relação ao emprego setorial do Brasil, auxiliou ao entendimento das dinâmicas microrregionais, ficando evidente as diferenças e características desenvolvidas pela dinâmica nacional e local.

Pode-se observar o crescimento significativo de alguns setores na maioria das microrregiões que tiveram desempenho maior que o do estado e, portanto, caracterizado como mais dinâmico que os demais. Sendo estes a Indústria Alimentícia e de Bebidas, que acabam gerando um encadeamento com outros setores como por exemplo a Agricultura e o Comércio, bem como diversos outros citados no decorrer do texto, oferecendo oportunidades a serem exploradas, mas que também apresenta desafios aos formuladores de políticas públicas em termos da adequada concepção e implementação de estratégias catalisadoras e potencializadoras de crescimento setorial.

REFERÊNCIAS

- ALVES, L. R. in: PIACENTI, C. A.; FERRERA DE LIMA, J.; ALVES, L. R.; PIFFER, M.; RIPPEL, R. **Análise Regional: metodologias e indicadores**. Curitiba, Paraná: Camões, p. 33-49. 2012.
- CAVALCANTE, L. R. M. T. Produção teórica em economia regional: uma proposta de sistematização. **Revista Brasileira de Estudos Regionais e Urbanos**. Associação Brasileira de Estudos Regionais e Urbanos. Vol. 2, n.1. 2008.
- CROCCO, M. A.; GALINARI, R.; SANTOS, F.; LEMOS, M. B.; SIMÕES, R. **Metodologia de identificação de arranjos produtivos locais potenciais**. Texto para discussão nº 212. Belo Horizonte-MG. UFMG/Cedeplar, 2003.
- DUBIEL, S. A. Desenvolvimento econômico dos municípios do Paraná: evolução e determinantes. Ponta Grossa-PR, 2007. **Informe Gepec**, Toledo, v. 17, n. 2, p. 6-22, jul./dez, 2013. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br>>. Acesso em 18 jun. 2018.

- FERRERA DE LIMA, J. A concepção do espaço econômico polarizado. **Revista Internacional de Desenvolvimento Local**. Campo Grande-RS, v. 4, n. 7 p. 7-14, Set. 2003.
- GALVÃO, A. C.; VASCONCELOS, R. R. **Política regional à escala sub-regional**: uma tipologia territorial como base para um fundo de apoio ao desenvolvimento regional. Brasília: IPEA, 1999.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Produto Interno Bruto dos Municípios**. Rio de Janeiro-RJ, 2013. Disponível em <<http://www.sidra.ibge.gov.br/>> Acesso em 13 jun. 2018.
- _____. **Pesquisa Mensal do Emprego – PME**. Rio de Janeiro-RJ, 2016. Disponível em <<http://www.sidra.ibge.gov.br/>> Acesso em 13 jun. 2018.
- _____. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio – PNAD**. Rio de Janeiro-RJ. 2015. Disponível em <<http://www.sidra.ibge.gov.br/>> Acesso em 13 jun. 2018.
- LAMARCHE, R. H.; SRINATH, K. P.; RAY, D. M. Correct Partitioning of Regional Growth Rates: Improvements in Shift-Share Theory. Canadian Institute for Research on Regional Development. **The Journal of regional science**: La revue canadienne des sciences regionales. Jan. 2003.
- MACEDO, M. M.; VIEIRA, V. F; MEINERS, W. E. M. A. Fases de Desenvolvimento Regional no Brasil e no Paraná: da emergência de um novo modelo de desenvolvimento na economia paranaense. **Revista Paranaense de Desenvolvimento** n.103, p. 5-22. Jul/Dez de 2002.
- MTE/RAIS – Ministério do Trabalho e Emprego / Relação Anual de Informações Sociais. **Banco de dados**. Disponível em: <<http://pdet.mte.gov.br/aceso-online-as-bases-de-dados>> Acesso em 11 jun. 2018.
- OLIVEIRA, G. B. E LIMA, J. E. S. Elementos endógenos do desenvolvimento regional: considerações sobre o papel da sociedade local no processo de desenvolvimento sustentável. **Revista FAE**. Curitiba, PR. Vol. 6, n. 2, p.29-37, maio-dez. 2003.
- PIACENTI, C. A. in: PIACENTI, C. A.; FERRERA DE LIMA, J.; PIFFER, M.; RIPPEL, R. **Análise Regional**: metodologias e indicadores. Curitiba, Paraná: Camões, p. 63-132. 2012.
- POSPIEZ, R. C.; SOUZA, M. R. P.; OLIVEIRA, G. B. **Análise Shift-Share**: Um estudo sobre os Estados do Sul de 2005-2008. Programa de Apoio à Iniciação Científica, 2011.
- SOUZA, N. J. **Economia Regional**: Conceito e Fundamentos Teóricos. Revista Perspectiva Econômica, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Ano XVI, v.11, n. 32, p. 67-102. 1981.
- STRAUCH, O. **Os Economistas**. Alfred Marshall, Princípios de economia. São Paulo, SP. Editora Nova Cultural, p. 368. 1996.